

DOI: <https://doi.org/10.5902/2236672594858>

Apresentação – Edição Especial

Narrando experiências: processos cognitivos nas Ciências Sociais

Zulmira Newlands Borges

Laura Senna Ferreira

Reginaldo Teixeira Perez

Introdução

Torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa direito. É cada vez mais frequente espalhar-se em volta o embaraço quando se anuncia o desejo de ouvir uma história. É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, nos fosse retirada. Ou seja: a de trocar experiências. (Benjamin, 1983, p. 57).

É da melancolia do filósofo alemão Walter Benjamin que vêm os lamentos pela interdição ao “intercambiar experiências”. Tal fato teria ocorrido no longo percorrer da modernidade, no qual os significados das narrativas de feições orais teriam aos poucos se esvanecido. Ao examinar a obra do literato russo Nicolai Leskov (1831-1895), Benjamin identifica nela uma das últimas manifestações daquela forma particular de comunicação de vivências¹. Talvez caiba um paralelo entre aquela limitação e o fenômeno da produção do conhecimento em âmbito geral, mas servindo igualmente para as Ciências Sociais, em que a impessoalidade da linguagem (prevalhecimento da terceira pessoa na locução e das vozes passivas e as imposições da disciplina metodológica), entre outros fatores, subtraiu em boa medida os temperos da subjetividade na comunicação de sujeitos cognitivos que se pretendem universais.

¹ SENTIDO Social – Caminhando entre as ideias. O ensaio de Walter Benjamin: O Narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov | Sentido Social. Disponível em: <https://sentidosocial.com.br/o-ensaio-de-walter-benjamin-o-narrador-consideracoes-sobre-obra-de-nikolai-leskov/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

Perfeitamente alinhado às abordagens críticas da tradição à qual é associado – a da Escola de Frankfurt –, Benjamin, com a sua habitual sofisticação, conjuga crítica literária, história das ideias e tudo o mais que lhe conceda a compreensão da emergência do mundo burguês. Na seara das letras, a oralidade característica das narrativas pré-modernas foi substituída pela composição da escritura do romance; e, das formas emocionais intercambiáveis das primeiras, teve-se a individuação interpretativa provocada pelo romance. Se no plano material, a artesanaria e as suas habilidades manuais singulares foram sendo substituídas pela fabricação em massa e uniforme da manufatura, no campo intelectual as narrativas e suas trocas instigadoras da memória e das interpretações plurais indefinidas são elididas em favor da experiência íntima e individualizada decorrente da leitura do romance. Em suma, teria havido perdas humanas em todo esse processo. À semelhança de certa forma de pensar muito forte nas tradições alemãs (Mannheim, 1971), Benjamin traduz uma destacada elegia de um tempo perdido: a modernidade, com a sua arquitetura simbólico-política liberal, é o seu objeto negativo².

Transmitir uma experiência: eis o repto que aqui se coloca. Conversações ocorridas no âmbito de disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSM, em específico, em debates no entorno do texto de William Foote Whyte (Anexo A de *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*, obra originalmente publicada em 1943), aventou-se a possibilidade de promovermos experiência semelhante, guardadas as devidas proporções e qualidades acadêmicas, por evidente. Fundamenta-se tal propósito em face de diversos fatores: (i) o primeiro deles é condizente com uma possível funcionalidade desse compartilhamento de experiências, visto que aluno/as estão passando pelos mesmos processos na elaboração de seus trabalhos; (ii) sempre haverá detalhamentos metodológicos que propiciarão aprendizados recíprocos; (iii) há dificuldades de toda ordem que são comuns a todos; e, por fim (iv), a possibilidades de exploração das intersecções entre a Antropologia, a Sociologia e a Ciência Política.

Respeitadas as proporções e as diferenças entre os dois trabalhos exegéticos – referimo-nos às pesquisas de Benjamin e Whyte –, é recomendável que se destaque um dos

² Veja-se, também, a análise semiológica que esse pensador faz de *Angelus Novus*, quadro/pintura de Paul Klee, de 1920, em *Teses sobre o conceito da história*, de 1940 (Benjamin, 1987). Para uma apreciação crítica desse texto de W. Benjamin, ver Rosenfield (2006).

vetores passíveis de comparação: ambos reivindicam o “contar/narrar uma experiência” como procedimento cognitivo de notado significado³. Benjamin e as funções (ora perdidas) da oralidade; Whyte e a tentativa de conciliação da coloquialidade retórica com o fazer ciência, *in casu*, social. Corifeu da Ciência Política, em sentença quicá excessivamente positiva, diferenciou linguagens especiais e não especiais – as primeiras, próprias da ciência (dotadas de uma gramática “técnica”); as segundas, afeitas a nossa vida ordinária (Sartori, 1981). O que Whyte acaba por fazer, em homenagem ao proposto por Benjamin, é interseccionar duas linguagens – a ordinária (ou comum) e a técnico-científica – em favor da *invenção* do fazer Ciências Sociais.

Sociedade de esquina, de Foote Whyte (1943), é uma das etnografias mais influentes no campo das Ciências Sociais. Situado nas bordas da Antropologia com a Sociologia, representa um dos mais completos estudos qualitativos, que envolvem pesquisa de campo, sobretudo observação participante, voltada para estudos de caso. Igualmente, o livro evidencia a centralidade dos saberes teóricos, sem os quais não se pode perceber a complexidade da realidade empírica. Foote Whyte dedicou anos de investigação à convivência com imigrantes italianos em um bairro pobre de Boston (que ele chamou de Cornerville), área urbana de alta densidade demográfica, de serviços públicos precários e repleta de problemas sociais. Apesar da hegemonia dos estudos da Escola de Chicago naquela quadra, que se voltavam a analisar processos de “anomia” e de “desorganização social” de comunidades pobres, Whyte recusou-se a ver a realidade social sob esses prismas. Contrariamente, o pesquisador estranhou essas categorias reducionistas e voltou-se à complexidade, que vem das figuras e das vivências do outro, em sua singularidade.

Em razão de sua heresia e de sua ousadia, Foote Whyte pôde perceber a pluralidade das relações cotidianas naqueles espaços da cidade, abordando uma multiplicidade de aspectos, inferidos com base em sua intensa vivência junto à comunidade. Ele analisa as hierarquias sociais e as dinâmicas simbólicas de poder, e se intriga profundamente quanto à questão de como um grupo consegue dominar o outro, a partir de composições locais de

³ Informações relevantes sobre esse tema podem ser encontradas no dossiê “Narrativas – teorias e métodos”, organizado por Hermílio Santos, Bettina Völter e Wivian Weller. *Civitas*, Porto Alegre, l. 14, n. 2, maio/ago. 2014, pp. 195-388. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/88PFxbPPbhsdX9GWnMRhKPN/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

poder – o que torna o texto assaz funcional à compreensão da Ciência Política *hard*. Ainda, o autor analisa a estrutura das posições sociais, as relações entre indivíduos e grupos e a coesão social, abordando o papel das lideranças, as relações de cooperação e as obrigações recíprocas, que geram pertenças de/em grupos e que são decisivas à estruturação social da comunidade. Do mesmo modo, além da análise das relações interpessoais, o pesquisador avança nas compreensões das dinâmicas de sociabilidade e da mobilidade social nos meios populares, observando padrões de comportamento e relações com políticos, com a polícia e com o Estado de modo geral. Por razões como essas, *Sociedade de esquina* tornou-se leitura inspiradora e capaz de envolver e de despertar nossa imaginação como cientistas sociais.

Por fim, apresenta-se, a seguir, uma breve síntese de cada texto estampado nesta edição.

Em *Dilemas em trabalho de campo, ética e mal-estar: comentários sobre Street Corner Society*, Daniel Alves parte de um episódio oriundo de trabalho de campo. Daí constroem-se duas interlocuções com o livro de William Foote Whyte, envolvendo pontos nos quais dilemas éticos se impõem na pesquisa. Num deles, discute-se o sentido da palavra “informante” e o papel da reciprocidade em *Sociedade de esquina*; no outro, trabalha-se as consequências do envolvimento com a micropolítica local. Alves finaliza o artigo debatendo sobre a questão da ética em pesquisa social, recordando a noção de “maquiavelismo sociológico” em Peter Berger.

No artigo intitulado *Revisitando emoções e impressões de um campo de pesquisa*, a proposta de Zulmira Newlands Borges é revolver e compartilhar memórias, vivências e sentimentos e, inspirada na leitura de Whyte e Lícia Valadares, oferecer reflexões sobre a sua experiência de pesquisa que possam de algum modo amenizar as frustrações e acalmar a ansiedade de jovens pesquisadores/as que estejam, pela primeira vez, se aventurando nessa transformadora experiência que é o trabalho de campo e a pesquisa etnográfica. Neste texto, a autora procura revisar aspectos da tese de doutorado, recontando a experiência desse estudo antropológico, inicialmente marcando a passagem de um problema que é social (o da ausência de órgãos) para um problema pertinente ao campo de investigação antropológica (como a noção de pessoa que está em jogo no momento de favorecer ou dificultar a decisão em relação às doações de órgãos). Em seguida, busca mostrar como ocorreu a sua inserção em campo nos diferentes momentos da pesquisa. Por fim, trata a noção de pessoa como

categoria norteadora no universo pesquisado, as questões de ética de pesquisa e o consentimento informado.

No texto *Percursos de pesquisa sociológica e vivências de classe*, Laura Senna Ferreira, a partir de reflexões sobre os momentos de feitura de suas pesquisas de mestrado (UFSC) e de doutorado (UFRJ), conjectura sobre os dilemas que envolvem vivências de gênero e de classe e sobre as aproximações entre campo acadêmico e periferia. O texto retoma os desenhos metodológicos que caracterizaram ambos os estudos, indicando os esforços para o desenvolvimento de uma compreensão crítica dos caminhos investigativos, das tradições metodológicas e dos códigos constantes em cada terreno empírico. De uma pesquisa com mulheres da indústria de conservas de frutas e hortaliças, na qual estudou os processos de reestruturação produtiva na cidade de Pelotas/RS, a uma pesquisa com homens que atuam em serviços automotivos na cidade de Porto Alegre, na qual discutiu os dramas que envolvem os velhos e os novos desenhos identitários de um ofício, a pesquisadora abordou os impactos das mudanças laborais e os desafios compreensivos impostos à Sociologia do Trabalho. No artigo, Ferreira aborda os cuidados necessários às buscas, por expressar vivências complexas e por entender as constâncias e as mudanças do social, com base nas experiências comuns vividas pelos/as trabalhadores/as. Nas coletas de narrativas e de memórias, a pesquisadora procurou abranger o universo de significados dos “de baixo”. Ao longo do percurso, o propósito maior foi o de articular os prismas macro e microsociológicos, quer dizer, a dimensão estrutural e a historicidade dos processos, buscando propor, a partir das lutas e das resistências cotidianas, uma análise relacional, bem como compreender os fenômenos na travessia da contradição. Sabendo que o conhecimento é aproximativo, a autora narra alguns dos dilemas e dos desafios que enfrentou, ao longo das observações, e indica que o sentido central das empreitadas foi o de tornar vidas complexas e invisibilizadas mais inteligíveis.

O partir da apresentação de trabalhos de campo em pesquisas sobre elites políticas e profissionais, no artigo intitulado *Retorno sobre uma prática de pesquisa com elites*, de autoria de João Gilberto do Nascimento Lima, abordam-se algumas implicações do estudo em contextos de “assimetria invertida”. São destacadas as dificuldades de acesso, as desconfianças e as alternativas encontradas para tentar contorná-las. Especial atenção é dada aos condicionantes da realização de entrevistas em profundidade e às influências de diferentes contextos de “crise” sobre a coleta e análise dos dados. Mais do que o relato

casuístico, o objetivo é demonstrar a utilidade de se integrar na análise os obstáculos encontrados no cotidiano da pesquisa como reveladores das lógicas que presidem ao funcionamento dos universos investigados.

Em texto intitulado *De dramas a outros dramas: os processos cognitivos nas Ciência Sociais*, Reginaldo Teixeira Perez vincula as dificuldades do viver em um ambiente novo – na cosmopolita cidade do Rio de Janeiro – com práticas sociais diferentes com as quais estava acostumado, com a hercúlea feitura de uma tese doutoral, cujo desenho demorou demais para se definir. O termo “drama”, que perfaz o título, sintetiza o juízo que ali se estampa. Curiosidades da vida cotidiana confundem-se com o laborioso processo de pesquisa conducente a um trabalho que resultará em um texto acadêmico que deve (ou deveria) ser considerado de qualidade. Dificuldades (e aprendizagens) de toda ordem surgem em um caminho tortuoso, mas a resiliência e a perseverança – sempre com o auxílio de um orientador admirável – vão sendo exercitadas no esforço de enfrentar, e quiçá superar, os limites assumidos pelo então doutorando. Se alguma lição é possível extrair dessa textualidade, por certo ela tem a ver com as perdas (humanas) que tal empreitada impõe – mas é a reação a essas derrotas que nos faz sujeitos do a/prender, sinônimo do libertar.

No artigo nomeado *Estudando Maurice, ouvindo gentes: Halbwachs para além da Escola Sociológica Francesa*, numa versão atualizada e ampliada de *paper* apresentado no XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, em 2009, Maria Catarina Chitolina Zanini objetiva refletir acerca de noções importantes na obra de Maurice Halbwachs (1877-1945) e seus possíveis usos em pesquisas na área da Antropologia. Assim, as perspectivas apontadas pelo autor, inserido na Escola Sociológica Francesa, são trabalhadas e analisadas cruzando com questões empíricas de pesquisa de campo da pesquisadora, com/entre descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, enfocando, mais detidamente, as complexas relações entre indivíduo e sociedade, marcadas pelo tempo como marcador social. Por meio de pesquisa bibliográfica e documental, Zanini objetivou conhecer e apresentar elementos importantes inseridos nos escritos do autor, sempre desafiantes e ousados, pensando-se o período no qual publicou.

Referências

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito da história. In: BENJAMIN, W. *Obras escolhidas*. v. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987 [1940], p. 222-232.

_____. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Textos Escolhidos. BENJAMIN, W., HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, J. Trad. José Lino Grünnewald *et al.* 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983 [1936], p. 57-74. Col. Os Pensadores.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Trad. Sérgio M. Santeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968 [1960].

_____. Conservative Thought. In: Kurt H. Wolff (Ed.). *From Karl Mannheim*. New York: Oxford University Press, 1971.

SANTOS, Hermílio; VÖLTER, Bettina; WELLER, Wivian. Narrativas – teorias e métodos [Dossiê]. *Civitas*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p.195-388, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/88PFxbPPbhsdX9GWnMRhKPN/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

ROSENFELD, Kathrin Holzermayr Lerrer. A história entre anjos e esfinges de Walter Benjamin. *Revista USP*, São Paulo, n. 69, p.117-122, março/maio 2006.

SARTORI, Giovanni. *A Política: Lógica e método nas ciências sociais*. Trad. Sérgio Bath. Brasília: UNB, 1981.

SENTIDO Social – Caminhando entre as ideias. O ensaio de Walter Benjamin: O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Disponível em: <https://sentidosocial.com.br/o-ensaio-de-walter-benjamin-o-narrador-consideracoes-sobre-obra-de-nikolai-leskov/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

WHYTE, William Foote. *Sociedade da esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Trad. Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005 [1943].